



ANGÚSTIA, COMPREENSÃO E INTEPRETAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO NIILISMO DE FRIEDRICH NIETZSCHE

César Augusto Danelli Jr*

RESUMO:

O propósito deste texto é convidar a uma discussão sobre a compreensão e sua relação com o *ser possível*, com o *poder ser* e, ao mesmo tempo, considerando a angústia enquanto anterioridade da própria compreensão, num movimento reflexivo que perpassa angústia, compreensão e interpretação a partir do niilismo tematizado por Friedrich Nietzsche. Busca-se, sobretudo, sinalizar que, dentro deste movimento, acontece a determinação do acontecimento do existir, i. é, do existir no sentido da possibilidade de abrir-se um campo compreensivo passível de interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Angústia. Interpretação. Niilismo.

Como ponto de partida, consideremos que o que vem a nossa *psique* é um recorte insignificante do todo. Deste modo, imaginemos um oceano onde não se vislumbre seu fim. Aquilo que você pensa, é como se fosse um pequeno fecho de luz que irá iluminar um espaço delimitado deste mesmo oceano. Para que fique claro, isto não significa que enquanto o indivíduo ilumina apenas um pedaço, o restante desapareça, pelo contrário, apenas eles não estão sendo sopesados naquele determinado momento.

Considerando-se aqui a minha interpretação do mundo da vida, acredito que tudo aquilo que a consciência processa, é uma espécie de subproduto do que poderia se pensar como pretensão de verdade que capta a totalidade, ou seja, aquilo que costumamos refletir, e posteriormente denominamos como racionalidade, não significa que contenha uma verdade que sirva tanto para minha existência como para a dos outros, pois conforme o pensamento de Nietzsche, nossa *psique* é infinitamente maior do que qualquer suposição que simplesmente se tenha como

* Especialista em Direito Previdenciário pela ESMAFE. Graduando em Teologia pela URI-IMT e Mestrando em Educação nas Ciências pela Unijuí. E-mail: cesardanelli@gmail.com

fundamento primeiro a pretensão construtiva de uma verdade absoluta. Para Vattimo, “não existe verdade objetiva em parte nenhuma; não há ninguém que veja a verdade sem ser com os olhos, e os olhos são sempre os olhos de alguém. Se quero arrancar os olhos para ver as coisas como realmente são, não vejo mais nada”¹. Logo, desconfio de modo angustiado, que nosso pensamento está relacionado com nossos aspectos sensitivos, isto é, aquilo que imaginamos, tem muito a ver com o que sentimos. Nesta perspectiva, Nietzsche critica precisamente a noção de sujeito de Descartes, pois para o primeiro, o homem não detém um pensamento autônomo, i. é, não determina o pensar, uma vez que o pensamento vem por si.

Conseqüentemente, quando nos deparamos tomados por uma crise existencial que nos desespera, e aqui podemos pensar não só na proporção individualista, mas também na dimensão de alteridade, geralmente, ou quase sempre, nos comportamos no sentido de nos afastarmos do outro que se encontra submerso neste mesmo dilema. Ou ainda, fazendo o movimento inverso, se nos arriscamos ao nos aproximar, recomendamos que este procure cogitar desde já, a angariar caso necessário, a escada socialmente instituída de reversão as possíveis patologias: (1) psicologia, (2) psicanálise e (3) psiquiatria) com o fim último de resolução do (s) seu (s) problema (s). E mais, que da parte dele, faça todo o esforço imaginável para voltar naquilo que convencionamos como estado normal da *psique*.

Poucos se dão conta, que se aperceber diante de uma crise é o único momento de se avaliar a si mesmo, existindo a possibilidade de procurar novas significações e sentidos para o mundo da vida. Assim falava Zaratustra quando desceu às profundezas: “é necessário possuir um caos dentro de si para dar à luz uma estrela brilhante”², ou em outras palavras: “é necessário que queira consumir-se na sua própria chama. Como quereria renovar-se sem primeiro se reduzir as cinzas?”³. Diante disto, quando supomos que estamos felizes, reproduzimos nossa vida imersa na cotidianidade sem a devida reflexão sobre quem somos e o que realmente buscamos enquanto ainda estamos respirando.

¹ VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 3

² NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, 1979, p. 13.

³ NIETZSCHE, 1979, p. 49.

Traçando uma atmosfera heideggeriana, uma existência apócrifa (inautêntica) é uma existência convulsa e superficial. Convulsa porque reflete rotina e agitação, restringindo a meditação sobre a própria existência de cada um. Superficial porque o ser humano torna-se igual a outro ao mesmo tempo em que é ninguém em si mesmo.

Quando um homem se angustia, tudo a seu redor se desvanece, perde a estrutura e a consistência. As coisas da existência trivial deixam de oferecer-se com a importância e o valor geralmente reconhecidos; diluem-se, dissolvem-se, esfumam-se no vazio do nada. Mas quanto mais as coisas se desvanecem, graças à angústia, e vão perdendo mais os seus precisos contornos, tanto mais nos fere o fato radical de uma existência nua, opaca, impenetrável. As coisas deixam de ter estrutura, mas se apresentam em sua impressionante realidade. O nada da angústia é como pano de fundo em que aparece, de forma primária, o radical existir; na verdade um existir temporal e finito.⁴

Deste modo, eis o ponto crucial da teia argumentativa, uma vez que diante do nada, a angústia brota de sua raiz como pré-ontologia fundamental da existência humana e, por conseguinte, de suas relações com o mundo da vida. No dizer de Heidegger⁵, “o angustiar-se abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo”⁶. Não obstante, é inevitável intuir que a compreensão e a angústia caminham juntas, inclusive, creio eu, de mãos dadas. Por outro lado, temos em Kierkegaard, a ideia de que “a angústia e o nada jamais deixam de se equivaler”⁷, considerando, neste autor, o pano de fundo teológico que perpassa seu pensamento. Assim, segundo Hans Joachim Störig, ao comentar a filosofia de Karl Jaspers no que concerne a situações-limite e o fracasso derradeiro que possam sobrevir à existência humana, eis que:

Há situações, nas quais a existência se realiza imediatamente, situações derradeiras, que não podem ser alteradas ou contornadas, situações-limite: morte, sofrimento, luta, culpa. Somente nelas, o todo da existência pode realizar-se. No que entramos em tal situação de olhos abertos, nós nos tornamos totalmente nós mesmos [...] O fracasso é a última coisa que temos à nossa disposição. Um autêntico fracasso realiza-se na construção

⁴ JACKSON, W. M. *In: Enciclopédia prática: A filosofia da existência*. Vol. V. São Paulo: Brasileira, 1956, p. 307.

⁵ Neste ponto, ressalta-se a angústia como sendo uma espécie de disposição afetiva e base da ontologia fundamental no pensamento de Heidegger, na preocupação de afastar a impressão de que a angústia é uma propriedade que pertence à ordem da antropologia e não da ontologia fundamental, seguindo, aqui, as ponderações de Ernildo Stein. Ver: STEIN, Ernildo. **Sobre a verdade: lições preliminares ao parágrafo 44 de Ser e tempo**. Ijuí: Unijuí, 2006.

⁶ HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012, p. 254.

⁷ KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968, p. 101.

de um mundo com vontade de duração, mas com o saber e o risco de declínio. No entanto, é somente no autêntico fracasso que o ser é plenamente experimentado.⁸

Contudo, para darmos a volta sobre nós mesmos, faz-se necessário levar o niilismo até as últimas consequências, ou seja, desligar a polifonia do mundo por alguns instantes a fim de escutar apenas um som. Mas antes de tudo, ter bastante cuidado, pois o ruído ressoa justamente no silêncio soturno, ou, mais precisamente, no momento inesperado do inconsciente tocar a campainha na varanda de nossa razão. Deste modo, quando formos abrir a porta da consciência e nos confrontarmos diante do nada, o niilismo já arrombou a dos fundos e se hospedou: “da onde vem este mais sinistro de todos os hóspedes?”⁹ E agora, quem, portanto, irá assumi-lo?

Ao assumir a postura niilista em ato, há, em consequências disso, a percepção da ausência de fundamento (s) absoluto (s), ou, “quando a casa queima, esquecemo-nos até do almoço. – Sim: mas depois vamos recuperá-lo das cinzas”¹⁰. Além disso, “para Nietzsche, todo o processo do niilismo pode ser resumido na morte de Deus”¹¹. Acredito que esta interpretação, já sendo (re) interpretada por mim, refere-se não e exclusivamente ao Deus do cristianismo, todavia, ao conjunto de valores supremos, metafísicos, que atentam contra o mundo da vida, mas que Nietzsche acaba por sintetizar, como observa Vattimo, “no valor supremo por excelência: Deus”¹². Por outro lado, há também, uma nova consciência que toma forma na medida em que compreendemos a necessidade e importância da angústia no processo de quebra de significações e, em seguida, na busca por ressignificações e sentidos que serão construídos e dinamizados na confrontação com o mundo da vida. “Assim, a linguagem, a expressão, o falar, construir sentido, é sempre a contradição na dinâmica de duas forças contrapostas”¹³.

Neste ponto, podemos pensar no vilarejo de Macondo na obra “Cem Anos de Solidão” de Gabriel Garcia Márquez, onde um universo mágico habitado por desejos, sonhos e paixões, “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de

⁸ STÖRIG, Hans Joachim. **História geral da filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 515.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **Niilismo**. São Paulo: Nova cultural, 1999, p. 429.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 70

¹¹ VATTIMO, 2007, p. 4.

¹² VATTIMO, 2007, p. 6.

¹³ SCHENEIDER, Paulo Rudi. **A contradição na linguagem em Walter Benjamin**. Ijuí: Unijuí, 2008, p. 127.

nome e para mencioná-las se precisava apontar o dedo”¹⁴. Do mesmo modo, o que me inquieta ou o que poderíamos nos inquietar é:

- a) Será que todas as coisas no mundo já têm nome?
- b) Será que para procurar nomeá-las, não deveríamos antes angustiarmo-nos *niilisticamente* cavoucando os sentidos?

Já no prólogo do livro “Vontade de Potência”, Nietzsche reveste-se, dentre outras vezes, de sua espiritualidade profética:

Narro aqui a história dos dois séculos que virão. Descrevo o que virá, o que não mais deixará de vir: a *ascensão do niilismo*. Desde já esta página da história pode ser contada: porque, no caso presente, é a própria necessidade que a produzirá. O futuro fala desde já pela voz de cem signos, a fatalidade anuncia-se em toda a parte; para entender esta música do futuro, todos os ouvidos já estão atentos. A civilização europeia agita-se desde muito sob uma pressão que vai até a tortura, uma angústia que cresce em cada década, como se quisesse provocar uma catástrofe: inquieta, violenta, arrebatada, semelhante a um rio que quer alcançar o *término* de seu curso, que não reflete mais, que teme até refletir.¹⁵

Novamente na obra “A Gaia Ciência”, Nietzsche já pré-anunciava o sentimento de desorientação pelo qual o ser humano passava com relação a este mundo carente de fundamentos. Se não, vejamos:

Deixamos a terra firme e subimos a bordo! Destruímos a ponte atrás de nós, e mais, destruímos todos os laços com a terra atrás de nós. E agora, barquinho, toma cuidado! Junto a ti está o oceano, é verdade que nem sempre ele rugir; e estende-se às vezes como seda e ouro, e um sonho de bondade. Mas, virão as horas em que reconhecerás que ele é infinito e que não existe nada que seja mais terrível do que o infinito. Há, pobre pássaro, que te sentias livre e que esbarra agora contra as grades desta gaiola! Pobre de ti se fores dominado pela nostalgia da terra, como se lá tivesse havido mais liberdade... agora, já não há mais “terra”!¹⁶

Por mais que tenhamos percorrido um longo caminho desde os escritos proféticos de Nietzsche, a meu ver, ainda hoje, esta mesma sensação permanece. As consequências disso, é que vivemos atualmente uma crise de fundamentos, sendo esta, denominada por muitos como pós-modernidade, o que, para Vattimo, não consiste na superação da modernidade em si, o que acarretaria apenas numa troca de um fundamento por outro, mas antes, perceber o momento atual, como o fim da metafísica.

¹⁴ MÁRQUEZ, 1967, p. 7.

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 135.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 115.

A reflexão que persiste é: desde o alerta de Nietzsche até hoje, a crise de fundamentos das verdades absolutas ainda está presente na contemporaneidade?

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2012.

JACKSON, W. M. *In: Enciclopédia prática: A filosofia da existência*. Vol. V. São Paulo: Brasileira. 1956.

KIERKEGARD, Soren. **O conceito de angústia**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paul: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Trad. de Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Trad. de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nilismo**. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova cultural, 1999. (Coleção obras incompletas).

PINTO, Manuel da costa; MUNCINI, Maria Andrea. **O nilismo como resistência**. Folha de São Paulo. Caderno Mais. São Paulo. 02 de Junho de 2002.

SCHENEIDER, Paulo Rudi. **A contradição na linguagem em Walter Benjamin**. Ijuí: Unijuí, 2008.

STEIN, Ernildo. **Sobre a verdade**: lições preliminares ao parágrafo 44 de Ser e tempo. Ijuí: Unijuí, 2006.

STÖRIG, Hans Joachim. **História geral da filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.